

VULNERABILIDADE E RUPTURAS NO BEM-ESTAR SOCIAL E NO CONSUMO FAMILIAR, APÓS A TRAGÉDIA DE BRUMADINHO/MG

ELAINE RIBEIRO DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)

RITA DE CÁSSIA DE FARIA PEREIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)

Agradecimento à órgão de fomento:

Agradecemos à CAPES, ao apoio à pesquisa e à Universidade Federal da Paraíba- PPGA/UFPB.

VULNERABILIDADE E RUPTURAS NO BEM-ESTAR SOCIAL E NO CONSUMO FAMILIAR, APÓS A TRAGÉDIA DE BRUMADINHO/MG

1 Introdução

Em meio às diversidades decorrentes e inerentes aos impactos socioeconômicos e ambientais, como desastre natural (Green et al., 2021) desabamentos, destruições advindos de terremotos (Bhandari et al., 2021), inundações e acidentes por falta de segurança, ocasionados por ingerência administrativa, faz com que pesquisadores questionem e analisem as variáveis e as possíveis medidas efetivas de segurança e prevenção a desastres principalmente de barragens de rejeitos de mineração que ocasionam poluição de rios (Gelencsér et al., 2011; Li et al., 2021a), que ocorrem de maneira global e torna-se presente no Brasil, oportunizando diversas tragédias fatais, como perdas humanas e materiais, que poderiam ser evitadas. Tais medidas devem ser privilegiadas em detrimento de qualquer outro interesse, que não seja o bem comum aos atores envolvidos e do lucro abusivo das corporações.

Percebe-se a necessidade de ações que visem amenizar os impactos ambientais e socioeconômicos, provocados por ingerência e crimes corporativos (Alcadipani & Medeiros, 2020), que perpassa para além dos danos ambientais, afetando a sociedade (Pereira et al., 2020), a estrutura econômica e psicológica de várias famílias vulneráveis a estas situações desastrosas. Tais impactos socioambientais ameaçam a segurança dos meios de subsistência das comunidades e questionam a sua legitimidade diante das práticas adotadas pela falta de segurança (Venugopal et al., 2019).

Para tanto, entre diversos incidentes neste sentido, verifica-se que em novembro de 2015, um dos acidentes em relação às barragens que provocou danos, destruições e perdas humanas como material à comunidade local, ocasionada pela mineradora Samarco, acidente ocorrido na barragem do Fundão, localizada no Distrito de Mariana, estado de Minas Gerais. Os rejeitos da lama com os vestígios de metais escoaram para bacia do rio Doce até desaguardarem no Oceano Atlântico, ocasionando enormes impactos ambientais e socioeconômicos (Almeida et al., 2018; Carmo et al., 2017; Fernandes et al., 2016; Gomes et al., 2017; Hatje et al., 2017; Queiroz et al., 2018; Segura et al., 2016; Souza et al., 2021).

Pode-se detectar poluições e contaminações na água com grande concentração do citogenotóxico (Gomes, L.C. et al., 2019; Quadra et al., 2019; Segura et al., 2016) e consequências graves à saúde da comunidade a longo prazo (Vergilio, C. S. et al., 2021).

Porém, após a ocorrência da Barragem em Mariana- MG, pela responsabilidade da mineradora Samarco, como citado acima, de acordo com relatos e pesquisas, a comunidade continua sem a assistência e vulneráveis quanto às suas perdas familiares e às suas moradias. Dessa forma, quatro anos após a tragédia em Mariana, um novo desastre fatal, relacionado a barragens, que ocorreu aproximadamente às 12:00 horas, horário do almoço dos funcionários da mineradora Vale, onde foram surpreendidos pelo rompimento da barragem B1, na Mina Córrego do Feijão, de responsabilidade da mineradora Vale, localizada no município de Brumadinho, estado de Minas Gerais, em 25 de janeiro de 2019, deixando 259 mortes e 11 pessoas desaparecidas envolvendo rejeitos de lama da barragem, além dos impactos socioeconômicos e ambientais.

Portanto, destaca-se que, não se trata de transferir responsabilidades entre corporação e poder público, contudo, não se pode negligenciar que estes assumem um papel importante nessa problemática, (Bankoff et al., 2013). Pois sabe-se que a vulnerabilidade social não pode ser despercebida frente a interesses corporativos e econômicos. Nesse sentido, é necessário um olhar por parte dos envolvidos que transcenda o aspecto meramente econômico e que se incida o impacto da ingerência corporativa sob as famílias afetadas pela tragédia, da comunidade de Brumadinho/MG.

O pano de fundo deste artigo, procura retratar a vulnerabilidade e o bem-estar social das famílias vitimadas pela tragédia de Brumadinho, o que possibilitou o seguinte questionamento: *Quais foram os impactos sociais provocados pela tragédia da mineradora Vale em Brumadinho, às famílias afetadas e à comunidade local?* Para responder a essa questão, esse trabalho buscou compreender a vulnerabilidade em suas formas de consumo e ao bem-estar social, diante da tragédia de Brumadinho, por meio das dimensões detectadas na pesquisa: sofrimento e perdas, subsistência das famílias, expectativa de vida diante das perdas, e em especial ao bem-estar social das famílias e sobreviventes ao desastre, bem como das trajetórias e histórias de vida dos participantes da pesquisa.

2 Referencial Teórico

2.1 Self

Na complexidade do estudo do comportamento do consumidor, percebe-se que o consumidor ou o indivíduo busca respostas em suas identidades comportamentais, identificadas em determinadas fases de sua vida fragmentada, devido algumas dimensões sociais, culturais e econômicas. A percepção da importância do “eu”, diante de alguns fatores salutarés frente aos propósitos subjetivos, faz com o indivíduo resgate suas perdas ou posses relativos ao ter e ao ser (Belk, 1988) os quais o consumidor, constrói de forma criativa seu senso de “eu” e sua reconexão da sensibilidade com seu corpo (Firat & Venkatesh, 1995; Scott et al., 2017).

O desejo de obter bens e consumir o que não represente a necessidade satisfatória, mas sim o prazer em obter os objetos, podendo chegar ao hedonismo radical, constante ao longo do tempo. Neste contexto, pode-se pressupor que a via do capitalismo possibilita o senso de identidade, pois as possibilidades imagináveis expandem-se em relação ao ter e ao fazer, dessa forma, o poder financeiro, o lucro, possibilita o poder de, seletivamente, adquirir ou rejeitar objetos compráveis, moldando, de maneira mais seletiva, nosso eu extenso (Belk, 1988).

Nesse sentido, pode-se perceber que o consumo e o desejo estão atrelados ao lado interpessoal, sendo que o estado interpessoal é análogo entre homens e mulheres. Mas para ambos os sexos, percebe-se que o desejo de consumir é intrínseco à experiência positiva emocional mergulhada em fantasias e sonhos em vez de uma experiência envolvendo julgamentos fundamentados (Belk et al., 2003). Para (Borgerson & Schroeder, 2018), o corpo demonstra sua identidade, seu “eu”, dimensionando a importância do *Self*, em um espaço subjetivo ao consumo e ao materialismo, possibilitando as reconstruções e transformações de seus corpos, por meio de trocas psíquicas entre o “eu” e o mundo exterior (Bradshaw & Chatzidakis, 2016). Enriquecendo com abordagens existenciais e fenomenológicas, (Roux & Belk, 2019) consideram o corpo como um lugar à autotransformação no consumo contemporâneo.

2.2 Bem-estar social e qualidade de vida

O bem-estar é considerado a partir de uma perspectiva de qualidade de vida (QV), que segundo (Lane, 2000; Lee, D. & Sirgy, M. J., 2005; Nussbaum & Sen, 1993; Sirgy, 2001; Sirgy & Lee, 2006), consideram que o princípio central da teoria da (QV) é o aprimoramento do desenvolvimento humano. A qualidade de vida é um objetivo social que os governos procuram atingir nos níveis nacional, comunitário e individual, de acordo os pilares centrais da (TCR), pesquisa transformativa do consumidor (Mick et al., 2012), que tem como objetivo central buscar o bem-estar em relação à saúde, a felicidade, a prosperidade, a justiça social e outras dimensões em relação a vulnerabilidade do ser humano e seus impactos enquanto consumidor, no sentido micro e macro.

Pesquisadores de qualidade de vida tradicionalmente capturam o conceito por meio de indicadores subjetivos e objetivos (Lee et al., 2002; Meadow et al., 1992; Sirgy et al., 1995b, 1995a; Sirgy & Lee, 2006). Os indicadores subjetivos de Qualidade de Vida são tipicamente na forma de medir a felicidade geral, percebida QV, satisfação com a vida ou bem-estar subjetivo (Meadow et al., 1992; Sirgy, 2001, 2010; Sirgy et al., 1995b, 1995a; Sirgy & Lee, 2006). Os indicadores objetivos, em contraste, tipicamente com o bem-estar econômico, social e ambiental com base na avaliação de especialistas (Hagerty et al., 2001; Sirgy & Lee, 2006).

A premissa básica é que uma faceta de mercado contribui positivamente e negativamente à sensação geral de bem-estar do consumidor, ou seja, satisfação com a vida, percepção da qualidade de vida, bem-estar subjetivo e o bem-estar real dos consumidores, isto é, indicadores objetivos de bem-estar econômico (Ianole-Calin et al., 2021), social e ambiental. Exemplo de pesquisa de consumo guiado pelo conceito de qualidade de vida, inclui pesquisas sobre materialismo, consumo compulsivo, equidade de consumo, populações específicas de consumidores, ciclo de vida de consumo, satisfação com a vida do consumidor, impacto da qualidade de vida relacionado a um produto, um sonho, satisfação e metas relacionadas ao bem-estar subjetivo (Sirgy et al., 2007).

Nessa perspectiva, é imperioso garantir as metas mínimas necessárias ao bem-estar, que implica ter acesso adequado e sustentável a renda e recursos para atender às necessidades básicas (Baro & Deubel, 2006; Godinho et al., 2017). Neste sentido, percebe-se que a relevância mínima ao bem-estar se materializa na certeza de que os indivíduos possam ter acesso ao consumo das necessidades materiais básicas, como comida, abrigo e vestimenta (Voola et al., 2018). Assim, é consenso entre os autores que o bem-estar dos consumidores está primeiramente relacionado ao cumprimento das necessidades básicas de subsistência, uma vez cumprida essa etapa, pode-se pensar o bem-estar enquanto consequência do materialismo do consumo.

Todavia, a necessidade de manter a segurança dos meios de subsistência, é fundamental para o senso de bem-estar subjetivo (Coulthard et al., 2011; Martin & Hill, 2012). Uma grande quantidade de pesquisas, portanto, examina a segurança dos meios de subsistência no nível doméstico ou comunitário para melhor entender seu impacto no bem-estar individual, familiar e comunitário (Lindenberg, 2002).

Neste sentido, diante do estudo proposto, configura-se a fragilidade humana frente a vulnerabilidade de uma comunidade diante das perdas de familiares e amigos, da vivência do luto e do sofrimento. Todo o desconforto proporcionado por impactos ocorridos em várias dimensões direcionadas às ingerências e crimes corporativos (Alcadipani & Medeiros, 2020) administrado forma injusta, como pode-se perceber o caso da Vale. Ressalta-se em fatores como falta estruturas sociais, desigualdade e exclusão podem resultar em vulnerabilidade do indivíduo enquanto consumidor (Johns & Davey, 2019).

O estado de vulnerabilidade dos consumidores pode contribuir para o valor de destruição em suas experiências de consumo, rupturas (Chang et al., 2021), interligadas ao bem-estar dos consumidores vulneráveis (Zainuddin et al., 2021) e declives no bem-estar, permitindo bloqueios sociais, sentimentos relacionados a impotência de capacidade em controlar recursos e resultados (Tanner & Su, 2019), crises financeiras, fatores econômicos, culturais (Cheung & McColl-Kennedy, 2019; Shultz & Holbrook, 2009), escassez de alimentos e qualidade de vida, falta de água potável, desequilíbrio com a gestão inerente à saúde (Davey et al., 2020), o desemprego, os quais são apenas alguns dos motivos para se preocupar com o bem-estar dos indivíduos (Rosenbaum et al., 2017), resultando em tensões contínuas (Baker & Mason, 2012).

Ações relevantes permeiam e avaliações em níveis capacidade social (VCA) pré e pós-desastre (Bankoff et al., 2013), caracterizam-se principalmente com a relevância das autoridades em explorar os vínculos entre vulnerabilidade social e a capacidade de avaliação de dados, montados antes de um desastre, com necessidades sociais e de avaliação de dados coletados após um desastre. De acordo com (Bankoff et al., 2013) esses dados precisam ser incorporados em um sistema integrado de informação de gestão de desastres (DMIS), que viabilize segurança (Mulcahy et al., 2021).

3 Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa foi realizada, na cidade de Brumadinho, no interior do Estado de Minas Gerais. A escolha do local foi motivada pelo desastre ocorrido no dia 25 de janeiro de 2019, nesta cidade. Brumadinho é conhecida pela beleza sociocultural do Instituto Inhotim e pelas mineradoras que exploram as riquezas minerais do local, como por exemplo, o ferro e os outros minérios valiosos. O desastre foi consequência das atividades da mineradora Vale, pois houve o rompimento de umas de suas barragens, denominada como barragem B1, localizada na Mina Córrego do Feijão, distrito localizado no município de Brumadinho. Foi uma das maiores tragédias socioambiental ocorrida no Brasil, registrada como um massacre de vidas humanas, por negligência corporativa mineradora Vale.

A barragem B1 da mina Córrego do Feijão pertence à Complexo Mineiro de Paraopeba, localizado no município de Brumadinho, estado de Minas Gerais, Brasil. A barragem foi construída em 1976, com aproveitamento próprio de rejeitos. A liquefação do rejeitos e falhas de engenharia estão na origem da tragédia, semelhante ao que aconteceu com a barragem do Fundão, em 2015 (Robertson et al., 2019).

De acordo com os relatos e fontes de pesquisas, até o momento da realização deste trabalho, o desastre da barragem B1, ocasionou 259 mortes e 11 desaparecidos, que originou-se em um impacto socioambiental, o qual chocou e comoveu a população brasileira e do exterior, devido à ação desumana, criminosa e cruel, provocada pela empresa Vale. Pois, de acordo com os relatos a tragédia poderia ter sido evitada.

Esta pesquisa se fundamenta em uma abordagem metodológica, de um estudo qualitativo tendo como estratégia de verificação da análise dos dados, os relatos de história de vida, pois abrange os interesses envolvidos na fase exploratória, bem como riqueza de informações absorvidas no envolvimento nas entrevistas com os participantes.

De acordo com (Creswell & Creswell, 2021), o pesquisador age como um investigador, para que identifique de forma ética, explícita e reflexivamente seus vieses, os valores, as origens pessoais, tais como gênero, história, cultura e *status* socioeconômicos, que envolvem todo o contexto da pesquisa. O sujeito reflete sua história no momento de suas reflexões passadas, nessa perspectiva ele expressa o silêncio vulnerável devido os fatos ocorridos, pela dor e o sofrimento. No entanto, os relatos de vida ajudam a compreender e entender como se articulam as histórias individuais e coletivas das pessoas pesquisadas (Barros & Lopes, 2014). Cada história de vida reflete o seu significado e o simbolismo diante da representatividade coletiva da sociedade a qual pertence e estão inseridas (Gouvêa et al., 2018).

Na coleta de dados incluiu entrevistas detalhadas, fotografias e visitas ao local da tragédia. Com a utilização de mais técnicas para a realização da pesquisa de dados qualitativos, foi possível enriquecer os detalhes contextuais das falas e o do próprio cenário (Cayla & Arnould, 2013).

No total realizaram-se nove entrevistas com participantes da cidade de Brumadinho e apenas um de Betim, conforme Tabela 1.

Participantes	Idade	Formação	Profissão	Estado civil	Cidade/Estado
---------------	-------	----------	-----------	--------------	---------------

A1	74 anos	Ensino Fundamental	Assistente de Pessoal Aposentado da Vale (34 anos de atividade)	Casado	Brumadinho/MG
A2	20 anos	Ensino Médio	Secretária do Bispo -Dom Vicente-	Solteira	Brumadinho/MG
A3	44 anos	Ensino Fundamental	Funcionária da Pousada	Casada	Brumadinho/MG
A4	34 anos	Tecnólogo em Design Gráfico	Administrador da Pousada	Divorciado	Brumadinho/MG
A5	25 anos	Ensino Fundamental	Atendente – Caixa na Padaria	Solteira	Brumadinho/MG
A6	65 anos	Superior-Engenheiro	Gerente na Mineradora Ferros	Casado	Brumadinho/MG
A7	30 anos	Ensino Médio	Taxista	Casado	Brumadinho/MG
A8	45 anos	Ensino Fundamental	Taxista	Casado	Brumadinho/MG
A9	50 anos	Ensino Médio	Aplicativo Uber	Casado	Betim/MG

- **Tabela 1:** Dados dos participantes.

- **Fonte:** Dados da pesquisa (2021).

Foram realizadas cinco entrevistas gravadas utilizando o aparelho celular e quatro participantes não autorizaram as gravações. As entrevistas gravadas tiveram a duração de quatro horas cada uma delas, com horário agendado e foram realizadas na cidade de Brumadinho. E as outras quatro entrevistas tiveram o procedimento de anotações dos relatos de vida, pois ficaram inseguros e temerosos com a gravação. E todos os participantes receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Por questões éticas, os pesquisadores substituíram os nomes dos participantes por códigos, que estão relacionados de A1 a A9 na tabela e no decorrer do texto.

Para que ocorresse a coleta de dados, houve alguns desafios, por vários motivos apresentados pelas pessoas da comunidade, os quais os pesquisadores tentaram comunicação. Tornou-se necessário e pertinente um contato prévio com os possíveis participantes por telefone. Assim, algumas pessoas se prontificaram a colaborar, outras já não concordavam, por estarem em profundo luto e preferiam manter-se em silêncio devido o momento de dor e sofrimento. E conforme o tempo foi passando, as dificuldades para realizar a pesquisa foi aumentando. Os motivos sempre estavam interligados ao luto, aos problemas mentais e à depressão. Os moradores e parentes das vítimas da tragédia, estavam se sentindo esgotados, com medo e ameaçados pela Vale, devido as várias procuras para entrevistas pela imprensa nacional e internacional, referente ao massacre de seus parentes e familiares.

Mas, quando foi possível, no momento oportuno os pesquisadores, viajaram para Brumadinho/MG, onde ficaram uma semana para realizar o trabalho de campo. Quando chegaram na cidade, as dificuldades ainda persistiram. Várias pessoas que já haviam concordado em participar da pesquisa desistiram por medo, pois, entretanto, estavam se sentindo ameaçadas por funcionários da Vale. Porém, com toda dificuldade, ainda foi possível ouvir vários relatos de vida. Algumas foram gravadas e outras não, pois era nítido o receio que assombrava alguns participantes.

Após algumas renúncias à participação da pesquisa, já in loco, ocorreu a indicações de contato com outras pessoas, por intermédio do dono da pousada, que concordaram em participar. Dessa forma houve uma programação e agendamento de horários, disponibilidade de tempo, local e o melhor dia para cada participante.

Portanto, a definição pelos sujeitos que colaboraram com a pesquisa ocorreu por meio de questões de acessibilidade, conveniência e técnicas de “bola de neve”, na qual, segundo (Sampieri et al., 2013) identificam-se os participantes-chave para a pesquisa,

pergunta-os se conhecem outras pessoas que possam proporcionar dados mais amplos e os contatam para incluí-los no estudo.

Além dos agendamentos com os participantes, os pesquisadores sempre saíam pelas ruas da cidade, a procura de evidências. Assim, por duas vezes, em uma padaria, sempre havia algumas pessoas comentando a respeito da tragédia. Mas, não autorizavam que gravássemos suas falas, foram conversas informais. Porém, após ouvi-los, sempre havia a transcrição no diário de anotações dos principais pontos das abordagens e análises das falas.

No segundo dia, ocorreu a visita no local da tragédia, que teve início logo pela manhã e encerrou à tardinha. Foi um dia todo para conhecer a “Mina Córrego do Feijão”. O percurso foi longo e com algumas interrupções para as fotos, pois o local da tragédia estava sendo reconstruído pela Vale. As entradas foram refeitas, pois o caminho anterior, que existia antes da tragédia, foi completamente destruído pela lama. Os pesquisadores foram conduzidos no veículo dono da pousada, os quais estavam hospedados, que se disponibilizou em conduzi-los até o local. Durante o caminho ele foi detalhando como foi o período o qual, residiu na Mina Córrego do Feijão, pois foi ex-funcionário da Vale. Dessa forma, foi possível realizar várias fotos do vilarejo, uma comunidade com poucos habitantes, visto que, muitos moradores abandonaram suas residências e chácaras, devido a tragédia. Era um cenário de guerra, com cenas muito tristes e chocantes.

Vários caminhões transitavam entre as ruas, pois a Vale, havia contratado algumas empresas para reconstruírem o vilarejo, pertencente à Mina Córrego do Feijão. Neste sentido, eram caminhões pipa jogando água nas ruas, pois a poeira estava provocando sérios problemas asmáticos e de saúde aos moradores, outros caminhões eram com funcionários pintando os muros e casas, outros transportando funcionários para limpeza das ruas. Pode-se perceber que a Vale estava querendo amenizar a situação de alguma forma.

A igreja onde foi o centro de concentração das chegadas dos corpos e restos mortais, transportados por meio dos helicópteros do corpo de bombeiros, estava sendo reformada e recebendo uma nova pintura. Alguns moradores da comunidade local aceitaram em falar um pouco referente à tragédia, mas preferiam o silêncio e o sentimento de tristeza era constante.

Além da poeira do local, existia ainda um mal cheiro horrível, à medida que os pesquisadores se aproximavam do local que foi invadido pela lama. E com toda razão, todo aquele cenário desconfigurado, explicava o porquê os moradores abandonaram suas moradas e o espaço que lhes pertenciam, pois não teria como permanecerem no local devido os traumas e a própria situação de devastação do ambiente. Além das casas e foram destruídas com as correntezas da lama. Ressalta-se que todos estes espaços físicos relatados foram fotografados.

Dessa forma, todas as entrevistas e os relatos de vida, pode-se detectar, que a emoção estava presente a todo momento, muita tristeza, choros, lembranças e lamentos. Os participantes choravam ao se lembrarem de cada parente ou amigo que perderam suas vidas, de forma tão devassadora e desumana nesta tragédia, tanto os participantes da pesquisa, quanto a população da cidade estavam traumatizados com a situação lastimável das perdas.

Os encontros com os participantes das entrevistas, foi pré-agendado com pessoas que aceitaram contribuir com o trabalho, houve todo um preparo e de ética na conduta nas entrevistas e nas conversas. O cuidado com tempo de cada um, o nome que foi resguardado, o respeito com a própria situação individualizada e de vulnerabilidade percebida em cada participante, para que não ficassem se sentindo expostos e inseguros.

A análise dos dados foi realizada após a transcrição dos relatos de vida, dos participantes da pesquisa. E ponderou-se as dimensões com maior impacto nas falas dos relatos. O instrumento da pesquisa, foi testado e validado primeiramente, para que pudesse posteriormente ser aplicado.

4. Análise dos Resultados

Para contribuir com o estudo das histórias de vida, apoiou-se nas transcrições das entrevistas e categorizando os dados coletados, priorizando as falas dos entrevistados. As dimensões identificadas foram: o sofrimento e as perdas, os meios de subsistências, o bem-estar; o papel do poder público, e as ações da Vale às famílias afetadas.

4.1 O sofrimento e as perdas

A vulnerabilidade do sofrimento causado pela tragédia foi relatada pelos entrevistados, de forma configurada nas expressões faciais das pessoas, diante das perdas dos familiares, parentes e amigos. Esta perda foi frequentemente, revelada como algo que prejudicou o sentido do “eu” derivado dos apegos (Belk, 1988) com cada ente querido, devido ao acidente onde muitas vidas foram interrompidas de forma brutal.

Está sendo um desafio acordar todos os dias e lembrar toda a situação vivenciada do acidente, **“Não foi um acidente qualquer, foi uma tragédia!”** (A1)

Bom, a princípio são, esses trinta e cinco anos lá na empresa, muitos que...Estão nessa barragem né, soterrada até hoje inclusive e diretamente quem trabalhou comigo, **uma funcionária, ela entrou muito jovem, hoje ela estaria com 50 anos. O corpo dela não foi encontrado até hoje.** Ela trabalhou comigo diretamente no RH (A2).

Há uns dois anos e meio também, eu e minha mulher fomos testemunha do casamento da Juliana. [...]. Nós fomos padrinhos de casamento dela, há quase três anos. **E o marido dela também estava na lá na Vale também, então morreram os dois.... Morreram os dois...** E. Esse casamento **eles tiveram dois filhos**, logo que eles casaram, ela engravidou de dois meninos. []. Que a gente sentiu demais, a gente já visitou a mãe da Juliana, o pai né. **E a gente viu as crianças lá, sem pai e sem mãe! Muito triste... [choro]** (A1).

E o corpo do rapaz, que era o marido dela foi achado e enterrado né, logo no início e o corpo dela até hoje não foi encontrado e nem o da “Alessídia”, que trabalharam diretamente comigo (A1).

Outro, que trabalhou comigo nos últimos dez anos que estive lá na empresa, de 95 a 2005, esse também... O “Nilson” trabalhou comigo dez anos. Nos últimos 10 anos meu lá, ele trabalhou comigo. **E o corpo dele foi achado... Partes do corpo né... Nem todo mundo foi achado o corpo inteiro,** dificilmente encontram o corpo inteiro. [...] Além de amigo, ele era meu vizinho, morava um de frente para o outro, senti muito a falta dele, porque eu o via todos os dias (A1).

Mesmo não sendo meus familiares, o sofrimento não deixou de existir, tinham um valor, mesmo não sendo de minha afinidade, mais Brumadinho é uma acidade muito pequena, você acaba que encontra com as pessoas sempre, é numa igreja, num supermercado, no casamento, no campo de futebol, você sempre está vendo esses caras, esse cara trabalha lá na Vale, esse é filho de fulano de tal, então além dos três que falei tem vários... **E depois vai descobrindo que fulano de tal morreu, mas quem era?** E a gente vai pesquisar era ele! Entendeu... e a gente não sabia (A1).

De acordo com as falas dos entrevistados o sentimento de perda dos entes queridos contrapõe a um roubo, algo que não irá se recuperar mais. A vivência do luto e da tristeza despertou a sensibilidade todos da comunidade. A perda não voluntária de posses pode trazer um senso de identidade inferiorizado quando as posses são perdidas por roubo ou acidente e há relatos de sentimentos de perda de uma parte do “eu” entre vítimas de desastres naturais (Belk, 1988).

Olha as perdas estão assim, doendo. Mas agora está de forma diferente, porque **agora que as pessoas estão vivenciando o luto.** Cada um tem uma forma de viver o luto, tem alguns que estão cansados de ficar falando e revivendo. **Sempre no dia 25 tem o “Ato do dia 25”**, vem àquela memória, lembrança de todos e está bem difícil! Eu vivencio um pouco né? Nossa, está bem difícil, tudo bem que tem **essas indenizações, mas não vai trazer a vida de volta, nada repõe a perda**, né dos familiares (A2).

Olha a gente se sente assim, inútil né, porque não temos como fazer nada, você não tem como ajudar, a não ser com carinho né, com apoio, porque perder um ente da forma que foi, é muito triste né, então agente não tem como fazer muito coisa, então a gente apoia com oração, com carinho e com conversa né? Não tem muito que ser feito (A3).

Diante dos relatos das histórias de vida, deixa transparecer a dor, o sofrimento pela perda e forma como ocorreu a tragédia. O luto e os problemas psicológicos que todos estão enfrentando diante do massacre de várias vidas humanas torna-se perturbador para todos. São muitas feridas abertas e tristezas nos olhares das famílias, amigos e conhecidos.

Era muito triste, porque as pessoas chegavam arrasadas pelo fato da situação do que estavam vendo e de não ter encontrado naquele dia nada, ou às vezes encontravam apenas pedaços né...**Então assim, e as mães pediam, por favor, encontrem nem que seja um dedo do meu filho!** Então assim, era tudo muito triste! Então a gente ficou naquele apoio pelo menos pra dar para eles pelo menos a dignidade para eles chegarem do trabalho, vindo de outros Estados, de outra cidade e ter uma comida, uma cama né? **Um apoio psicológico, pois tinham vários psicólogos, que a hora que os bombeiros chegassem do resgate e a gente estava para apoiar né?** (A3)

No início foi muito comovente e até hoje, muito triste, no início a cidade estava **muito abalada e ainda a gente encontra muitas pessoas muito abaladas!** Principalmente parentes das vítimas e também os moradores mais antigos. **Após o acontecido a cidade ficou muito triste**, andava pelas ruas aí, e até hoje, todo lugar que você vai comentam a situação. E o que a Vale está fazendo, é isso (A4).

Diante de todo sofrimento e luto pelas perdas dos familiares e amigos de Brumadinho, o corpo de bombeiros, seguiu desempenhando seus trabalhos pelas buscas dos restos mortais das vítimas do desastre socioambiental, da mineradora Vale, até.... A Figura 1, demonstra o cenário de guerra e devastação que ocasionou 259 mortes e 11 desaparecidos.



-Figura 1: Mina Córrego do Feijão.

-Fonte: Dos autores (2021).

4.2 O meio de subsistência dos familiares

De acordo com os relatos de vidas de alguns entrevistados, a questão do meio de subsistência das famílias afetadas e inclusive da comunidade em geral está relacionada com as práticas sociais da legitimidade para sobrevivência (Godinho et al., 2017).

A **questão financeira**, de saúde e alimentação, existe um acompanhamento, mas não por todas assistidas. Tem as indenizações, **mas a questão de saúde**, não por todos não, creio eu que não (A2).

Em relação a dinheiro, financeiramente acho que esse não é o problema, mais é a perda mesmo, o sentimento. A forma como foi, porque **a Vale sempre “Preservou a Vida”, sempre foi o lema da empresa: “A vida acima de qualquer coisa”, né?** E não foi isso justamente que aconteceu né? Então financeiramente falando, todo mundo está tranquilo. Mas o slogan da Vale foi ao contrário, e sim, o **dinheiro acima de qualquer coisa!** (A3.)

O acesso à alimentação, saúde, educação e moradia, pelo que foi relatado por todos os entrevistados estão sendo garantido por audiências públicas e por meio do Ministério Público, a Vale está sendo obrigada a indenizar as famílias e manter um auxílio a toda a população, para que todos tenham o acesso adequado e sustentável à renda e recursos para atender às necessidades básicas (Baro & Deubel, 2006; Godinho et al., 2017). Essa garantia mínima ao bem-estar se materializa na certeza de que os indivíduos possam ter acesso ao consumo das necessidades materiais básicas, como comida, abrigo e vestimenta (Voola et al., 2018).

A participante (A3), ressalta a desvalorização e o desrespeito à vida pela Vale, pois os ativos financeiros e o lucro gerado por ingerências corporativas (Alcadipani & Medeiros, 2020), estratégias organizacionais e estruturas dominantes como o discurso “conto de lama” (Pereira et al., 2020) tornaram-se mais relevantes, que a própria vida e a segurança dos funcionários, bem como da comunidade de Brumadinho.

4.3 O bem-estar das famílias e dos sobreviventes

Diante do impacto nacional e internacional do desastre da Vale, percebeu-se a preocupação e a mobilização de vários setores sociais e ONG’S em defesa das famílias que ficaram semseular e que perderam seus entes queridos. Neste contexto, (Venugopal et al., 2019) expõem que a legitimidade moral /normativa, das práticas tradicionais de subsistência oportunizam o bem-estar social. Diante da importância das relações sociais que permeiam a vida cotidiana e de suas atividades, mesmo sendo por meio de escambo (Godinho et al., 2017).

Para os entrevistados A2, A3 e A4, por determinação judicial, a Vale está assistindo as famílias por meio indenizações e auxílios para toda a comunidade de Brumadinho.

No início a Vale estava pagando psicólogos para os sobreviventes, e funcionários carentes, mas depois parece que não existe mais este atendimento. **Olha a Vale pagava os psicólogos, mas nós representantes da igreja, tínhamos medo, dos psicólogos induzirem algo a favor da Vale** (A2).

Paola tinha marido, um filho de um ano, e a irmã estava com ela na casa. Mas, apenas a Paola, por milagre sobreviveu. E tínhamos muito medo mesmo, da Vale estar fazendo a cabeça dela, pois o tratamento foi pago pela Vale. E ela ficou muito revoltada e abalada demais... Por ser a única sobrevivente de sua casa. **Perdeu toda sua identidade! Ela estava em casa com a família, mas todos morreram.** Morava no córrego do feijão e **perdeu tudo.** A mãe estava fazendo tratamento, pois perdeu parte da família e a casa também. Ficou sem nada (A2).

A questão da alimentação não é problema, antes no início a gente resolveu, questão de água e tudo. Então o que a gente pode fazer, por exemplo, eu faço parte de um

grupo do terço, que se chama terço da Terníssima Imaculada, a **gente leva a oração do terço às famílias**, a gente conta, reza, agente faz a pessoa se sentir acolhia e amada e que não está sozinha, e que ela tem um grupo onde ela pode contar né com a mãe, uma Nossa Senhora, Virgem Maria, onde ela pode se acolher né, **permanecer firme, como Nossa Senhora permaneceu**, então assim, o que a gente pode fazer é isso aí! (A3).

Olha como as pessoas de Brumadinho elas são pessoas assim que conhecem uma as outras, então praticamente são bem unidas, e nesse sentido todos se dando apoio. **O Brasil inteiro enviou apoio solidário de alguma forma e comoveu não só o Brasil como o Mundo inteiro**. Então tudo foi bem aceito sim (A4).

O fator relevante detectado entre às ações comunitárias e solidárias com as famílias vulneráveis, foi o papel da igreja com atendimentos, ajuda solidária e voluntária, orações, celebrações, a oração do terço com os grupos de orações, nas casas das famílias. Estas ações religiosas diante da Fé das pessoas, foi de incomensurável apoio, para acalmar a dor, a solidão, a tristeza, e o luto pelas perdas dos familiares, possibilitando dessa forma o bem-estar frente as recordações (Mick et al., 2012; Sirgy et al., 2007; Zainuddin et al., 2021).

4.4 O papel do poder público

Está fazendo um papel de interventor, mais ainda muito lento. Ainda não foi criado nada para a cidade [...]. **Está lento demais!** (A4).

O poder está batalhando e brigando a favor da gente né? Então assim eles prenderam, soltaram e tornaram a prender, está investigando né, muita coisa sendo feita. Então até tenho muito pouco estudo, não sei falar muito bem as coisas, mas em minha opinião achava que ao invés de dar **o dinheiro, ela colocar tipo assim, uma cooperativa, para as pessoas trabalharem**, para ganharem o seu dinheiro, entendeu? Porque **a hora que acabar esse dinheiro**, vai fazer o quê? As indenizações das famílias são das famílias... Agora a população né... Mas com certeza o Ministério Público está todo envolvido e existe todo um trabalho (A3).

Pode-se verificar que as ações inerentes ao poder público, após várias audiências públicas, estavam tentando negociar as indenizações referente aos funcionários que não sobreviveram ao massacre e juntamente com os danos e prejuízos causados ao município de Brumadinho de maneira geral. Sobretudo muitas famílias não estavam sendo consultadas referente às indenizações por se encontrarem em situações vulneráveis e precárias. Existe neste sentido a necessidade de ações do poder público, municipal e governamental de se pensar na relevância do bem-estar financeiro neste momento (Ianole-Calin et al., 2021).

4.4 Ações da Vale para as famílias afetadas e para a comunidade

A Vale, **não é a única empresa da cidade**. Mas era a maior, a mãe, **porque era uma maravilha** quem conseguia ser selecionado para trabalhar lá. Agora já não é dessa forma mais. Não está acontecendo o amparo social, apenas financeiro, da forma que a Vale acha melhor, e por meio da cobrança do Poder Público, com muitas cobranças. Mas assistência social não está acontecendo nem para a comunidade e nem para as famílias das vítimas. **Ela acha que o dinheiro faz tudo né!** (A2).

As famílias foram indenizadas financeiramente, planos de saúde vitalícios, e as crianças também estão recebendo as melhores escolas da região e creio também que estão sendo atendidas por psicólogos por perdas dos pais... (A4).

Quanto a indenização, a princípio foi feito uma indenização para as famílias, me parece de R\$100.000,00, para as primeiras despesas, de sepultamento, para a pessoa ser realmente atendida. Isso houve a todo o momento. **E as indenizações que a gente fala que indenizar vidas não existe, “vida não tem preço”** (A1).

As indenizações da Vale para as famílias das vítimas, ademais para toda a população como forma de auxílio, por determinação judicial, pauta-se em uma das principais consequências para as sobrevivências das pessoas, como por exemplo, a falta do item primordial que é a água. Pode-se analisar a Figura 02, o rio Paraopeba, todo contaminado pela lama, com metais pesados e resíduos ocasionados pelo epicentro de impacto causado pelo rejeito que escoou da Barragem I, do Córrego do Feijão.



- **Figura 2:** Rio Paraopeba-Brumadinho/MG
- **Fonte:** Autores (2021).

De acordo com os relatos de vários entrevistados, às margens do rio Paraopeba, existia a aldeia indígena em São Joaquim de Bicas, e foram obrigados a abandonarem o local devido o rompimento da barragem. Estas famílias sobreviviam praticamente da pesca do rio e de suas plantações e após tragédia não conseguiram retornar às suas atividades de origem, devido a contaminação o rio.

Todo morador das margens direita e esquerda estão recebendo um valor, pelo o que a barragem afetou o rio. Falta água. Falta água para muitas cidades aí para baixo né. Usam da água do Paraopeba. Pescadores que existem nas margens do rio né (A1).

Neste sentido as ações necessárias para avaliação de vulnerabilidade e capacidade social (VCA) pré e pós-desastre estabelecidas por (Bankoff et al., 2013; Belk, 1988) apresentam sua relevância diante do episódio trágico em Brumadinho (Gelencsér et al., 2011; Li et al., 2021b).

Percebe-se a negligência da empresa Vale, diante da falta da implementação da segurança estrutural e estratégia de mitigação de risco em ações (Biscarini, C.; et al., 2021) responsáveis pela avaliação do grau de vulnerabilidade, como ocorreu no caso da Barragem B1, no Córrego do Feijão, e de precaver a possibilidade do desastre, o qual ocorreu, e planos de contingenciamentos de acidentes ocasionando impactos ambientais, socioeconômicos à comunidade local.

5 Considerações Finais

A abordagem deste artigo decorreu no sentido elucidar necessidades primordiais de pesquisas de marketing, na área do comportamento do consumidor, demonstrando o consumidor de forma desconfigurado, lesado e torturado por corporações criminosas. Teve a intenção, contudo de provocar reflexões sobre percepções dentro aspecto central na gestão, ao que tange acidentes e desastres por falta de eficiência, profissionalismo e seriedade

organizacional, o qual possibilitou que várias vidas fossem sacrificadas em troca do lucro e ganância humana.

O objetivo foi centrar na questão da vulnerabilidade do consumo e do bem-estar social frente à tragédia de Brumadinho/MG. Sendo assim, buscou-se analisar os relatos de histórias de vida dos moradores de Brumadinho, que participaram da pesquisa. Estes relatos abordaram as falas dos silêncios interrompidos, da dor e do luto referente à memória ao acontecimento brutal do acidente trágico ocorrido na mineradora Vale, na Mina Córrego do Feijão. Nesta tragédia perdeu-se várias vidas, por negligência e ingerência da Vale, descuidos, economia de custos, falta de profissionalismo, desrespeito ao Ser Humano, pois até com o “Vale de lama” (Pereira et. Al., 2020), pode-se obter lucros abusivos, frente ao crime ocorrido.

Nesse prisma, percebeu-se que a vulnerabilidade das famílias inseridas na comunidade de Brumadinho, que perderam seus filhos, esposas, maridos, parentes e amigos, ficaram sem reação no sentido, até mesmo de não obterem condições de consumo e o bem-estar social e o financeiro, diante das rupturas impostas a todos eles (Baro & Deubel, 2006; Godinho et al., 2017; Voola et al., 2018), os quais ainda lutam por suas indenizações e acordos judiciais, porém ressalva-se que as possibilidades de futuros acordos judiciais, ainda não indenizará pelo valor das vidas findadas na lama.

No que diz respeito às contribuições voltadas ao gerencial e ao social, cabe as ponderações de (Bankoff et al., 2013) a falta de uma formação profissional adequada e humana para desempenhar o papel em uma organização, voltando os olhares a carência da comunidade. Ações necessárias, para **avaliação de vulnerabilidade e capacidade social (VCA)** pré e pós-desastre, que são as seguintes: (1) realizar pesquisas comparativas baseadas internacionalmente para descobrir o que a VCA, e processos foram concluídos ou estão sendo realizados em relação a variados perigos; (2) desenvolver uma metodologia acordada com as principais organizações não-governamentais (ONGs) e governos, reunindo-se para desenvolver modelos para avaliações baseadas nas melhores práticas; 3) e frente ao social, as autoridades precisam explorar os vínculos entre vulnerabilidade social e a capacidade de avaliação de dados, montados antes de um desastre, com necessidades sociais e de avaliação de dados coletados após um desastre. Esses dados precisam ser incorporados em um Sistema Integrado de Informação de Gestão de Desastres (DMIS).

Ressalta-se a relevância deste estudo da área do marketing e contribuições no nível macro, no sentido de despertar maiores pesquisas transformadoras, frente às corporações criminosas (Alcadipani & Medeiros, 2020) que danificam o ambiente socioeconômico das comunidades locais e carentes, provocando destruições, desastres fatais incitados pelas mineradoras, desabamentos e que negligenciam a legitimidade de práticas de segurança (Venugopal et al., 2019), rupturas (Chang et al., 2021) ao bem-estar social e subjuntivo do consumidor, proporcionando o estado de vulnerabilidade social do indivíduo enquanto consumidor.

Portanto esta pesquisa apresentou contribuições significativas quanto à vulnerabilidade e rupturas no bem-estar social e no bem-estar financeiro, abordando dimensões reais e fortes pertinente a perda da qualidade de vida e da justiça social, por uma melhor perspectiva de vida.

Referências

Alcadipani, R., & Medeiros, C. R. de O. (2020). When Corporations Cause Harm: A Critical View of Corporate Social Irresponsibility and Corporate Crimes. *Journal of Business Ethics*, 167(2), 285–297. <https://doi.org/10.1007/s10551-019-04157-0>

- Almeida, C. A., Oliveira, A. F. de, Pacheco, A. A., Lopes, R. P., Neves, A. A., & Lopes Ribeiro de Queiroz, M. E. (2018). Characterization and evaluation of sorption potential of the iron mine waste after Samarco dam disaster in Doce River basin – Brazil. *Chemosphere*, 209, 411–420.
<https://doi.org/10.1016/j.chemosphere.2018.06.071>
- Baker, S. M., & Mason, M. (2012). Toward a process theory of consumer vulnerability and resilience: Illuminating its transformative potential. In *Transformative consumer research for personal and collective well-being* (p. 571–592). Routledge.
- Bankoff, G., Frerks, G., & Hilhorst, D. (2013). *Mapping Vulnerability: "Disasters, Development and People"*. Routledge.
- Baro, M., & Deubel, T. F. (2006). Persistent hunger: Perspectives on vulnerability, famine, and food security in sub-Saharan Africa. *Annu. Rev. Anthropol.*, 35, 521–538.
- Barros, V. A. de, & Lopes, F. T. (2014). Considerações sobre a pesquisa em história de vida. *Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional*, 1, 41–64.
- Belk, R. W. (1988). Possessions and the Extended Self. *Journal of Consumer Research*, 15(2), 139. <https://doi.org/10.1086/209154>
- Belk, R. W., Ger, G., & Askegaard, S. (2003). The Fire of Desire: A Multisited Inquiry into Consumer Passion. *Journal of Consumer Research*, 30(3), 326–351.
<https://doi.org/10.1086/378613>
- Bhandari, C., Dahal, R. K., & Timilsina, M. (2021). Disaster risk understanding of local people after the 2015 Gorkha Earthquake in Pokhara City, Nepal. *Geoenvironmental Disasters*, 8(1), 2. <https://doi.org/10.1186/s40677-020-00173-9>
- Biscarini, C., Di Francesco, Silvia;, Casadei, Stefano;, Venturi, Sara;, & Manciola, Piergiorgio. (2021, junho). *Vulnerability of Hydraulic Constructions in Flood-Prone Agricultural Areas* (Water ht <https://www.mdpi.com/journal/water>). *Water* 2021, 13, 1549. <https://doi.org/10.3390/w13111549> <https://www.mdpi.com/journal/water>
- Borgerson, J. L., & Schroeder, J. E. (2018). Making Skin Visible: How Consumer Culture Imagery Commodifies Identity. *Body & Society*, 24(1–2), 103–136.
<https://doi.org/10.1177/1357034X18760987>
- Bradshaw, A., & Chatzidakis, A. (2016). The skins we live in. *Marketing Theory*, 16(3), 347–360. <https://doi.org/10.1177/1470593116636662>
- Carmo, F. F. do, Kamino, L. H. Y., Junior, R. T., Campos, I. C. de, Carmo, F. F. do, Silvino, G., Castro, K. J. da S. X. de, Mauro, M. L., Rodrigues, N. U. A., Miranda, M. P. de S., & Pinto, C. E. F. (2017). Fundão tailings dam failures: The environment tragedy of the largest technological disaster of Brazilian mining in global context. *Perspectives in Ecology and Conservation*, 15(3), 145–151.
<https://doi.org/10.1016/j.pecon.2017.06.002>
- Cayla, J., & Arnould, E. (2013). Ethnographic stories for market learning. *Journal of Marketing*, 77(4), 1–16.
- Chang, D. F., Dunn, J. J., & Omid, M. (2021). A critical-cultural-relational approach to rupture resolution: A case illustration with a cross-racial dyad. *Journal of Clinical Psychology*, 77(2), 369–383.
- Cheung, L., & McColl-Kennedy, J. R. (2019). Addressing vulnerability: What role does marketing play? *Journal of Services Marketing*.
- Coulthard, S., Johnson, D., & McGregor, J. A. (2011). Poverty, sustainability and human wellbeing: A social wellbeing approach to the global fisheries crisis. *Special Issue on The Politics and Policy of Carbon Capture and Storage*, 21(2), 453–463.
<https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2011.01.003>
- Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2021). *Penso, Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto* (5ª edição). Penso.

- Davey, J., Herbst, J., Johns, R., Parkinson, J., Russell-Bennett, R., & Zainuddin, N. (2020). The role of health locus of control in value co-creation for standardized screening services. *Journal of Service Theory and Practice*, 30(1), 31–55. <https://doi.org/10.1108/JSTP-08-2018-0180>
- Fernandes, G. W., Goulart, F. F., Ranieri, B. D., Coelho, M. S., Dales, K., Boesche, N., Bustamante, M., Carvalho, F. A., Carvalho, D. C., Dirzo, R., Fernandes, S., Galetti, P. M., Millan, V. E. G., Mielke, C., Ramirez, J. L., Neves, A., Rogass, C., Ribeiro, S. P., Scariot, A., & Soares-Filho, B. (2016). Deep into the mud: Ecological and socio-economic impacts of the dam breach in Mariana, Brazil. *Natureza & Conservação*, 14(2), 35–45. <https://doi.org/10.1016/j.ncon.2016.10.003>
- Firat, A. F., & Venkatesh, A. (1995). Liberatory Postmodernism and the Reenchantment of Consumption. *Journal of Consumer Research*, 22(3), 239–267. <https://doi.org/10.1086/209448>
- Gelencsér, A., Kováts, N., Turóczy, B., Rostási, Á., Hoffer, A., Imre, K., Nyirő-Kósa, I., Csákberényi-Malasics, D., Tóth, Á., Czitrovsky, A., Nagy, A., Nagy, S., Ács, A., Kovács, A., Ferincz, Á., Hartyáni, Z., & Pósfai, M. (2011). The Red Mud Accident in Ajka (Hungary): Characterization and Potential Health Effects of Fugitive Dust. *Environmental Science & Technology*, 45(4), 1608–1615. <https://doi.org/10.1021/es104005r>
- Godinho, V., Venugopal, S., Singh, S., & Russell, R. (2017). When exchange logics collide: Insights from remote Indigenous Australia. *Journal of Macromarketing*, 37(2), 153–166.
- Gomes, L. E. de O., Correa, L. B., Sá, F., Neto, R. R., & Bernardino, A. F. (2017). The impacts of the Samarco mine tailing spill on the Rio Doce estuary, Eastern Brazil. *Marine Pollution Bulletin*, 120(1), 28–36. <https://doi.org/10.1016/j.marpolbul.2017.04.056>
- Gomes, L.C., Chippari-Gomes, A. R., Pereira, T. M., Merçon, J., Davel, V. C., Barbosa, B. V., Pereira, A. C. H., Frossard, A., & Ramos, J. P. L. (2019). Genotoxicity effects on *Geophagus brasiliensis* fish exposed to Doce River water after the environmental disaster in the city of Mariana, MG, Brazil. *Brazilian Journal of Biology*, 79(4), 659–664. <https://doi.org/10.1590/1519-6984.188086>
- Gouvêa, J. B., Cabana, R. del P. L., & Ichikawa, E. Y. (2018). As histórias e o cotidiano das organizações: Uma possibilidade de dar voz àqueles que o discurso hegemônico cala. *Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(12), 297–347.
- Green, D., Linley, M., Whitney, J., & Sano, Y. (2021). Factors Affecting Household Disaster Preparedness Among Foreign Residents in Japan. *Social Science Japan Journal*, 24(1), 185–208. <https://doi.org/10.1093/ssjj/jyaa026>
- Hagerty, M. R., Cummins, R., Ferriss, A. L., Land, K., Michalos, A. C., Peterson, M., Sharpe, A., Sirgy, J., & Vogel, J. (2001). Quality of Life Indexes for National Policy: Review and Agenda for Research. *Bulletin of Sociological Methodology/Bulletin de Méthodologie Sociologique*, 71(1), 58–78. <https://doi.org/10.1177/075910630107100104>
- Hatje, V., Pedreira, R. M., de Rezende, C. E., Schettini, C. A. F., de Souza, G. C., Marin, D. C., & Hackspacher, P. C. (2017). The environmental impacts of one of the largest tailing dam failures worldwide. *Scientific reports*, 7(1), 1–13.
- Ianole-Calin, R., Hubona, G., Druica, E., & Basu, C. (2021). Understanding sources of financial well-being in Romania: A prerequisite for transformative financial services. *Journal of Services Marketing*, 35(2), 152–168. <https://doi.org/10.1108/JSM-02-2019-0100>

- Johns, R., & Davey, J. (2019). Introducing the transformative service mediator: Value creation with vulnerable consumers. *Journal of Services Marketing*.
- Lane, R. (2000). *The loss of happiness in market democracies* (New Haven, CT, Yale Univers.
- Lee, D., & Sirgy, M. J. (2005). *Well-being marketing: Theory, research, and applications*. Seoul, Korea: Pakyoungsa,.
- Lee, D.-J., Sirgy, M. J., Larsen, V., & Wright, N. D. (2002). Developing a subjective measure of consumer well-being. *Journal of Macromarketing*, 22(2), 158–169.
- Li, Y., Chiu, Y., Lin, T.-Y., Cen, H., & Liu, Y. (2021a, junho). Evaluation of natural disaster treatment efficiency in 27 Chinese provinces. *Natural Resources Forum*.
<https://doi.org/10.1111/1477-8947.12224>
- Li, Y., Chiu, Y., Lin, T.-Y., Cen, H., & Liu, Y. (2021b, junho 20). *Evaluation of natural disaster treatment efficiency in 27 Chinese provinces* (a United Nations Sustainable Development Journal,). Natural Resources Forum, Natural Resources ForumFundação Nacional de Ciências Naturais da China. <https://doi.org/10.1111/1477-8947.12224>
- Lindenberg, M. (2002). Measuring Household Livelihood Security at the Family and Community Level in the Developing World. *World Development*, 30(2), 301–318.
[https://doi.org/10.1016/S0305-750X\(01\)00105-X](https://doi.org/10.1016/S0305-750X(01)00105-X)
- Martin, K. D., & Hill, R. P. (2012). Life Satisfaction, Self-Determination, and Consumption Adequacy at the Bottom of the Pyramid. *Journal of Consumer Research*, 38(6), 1155–1168. <https://doi.org/10.1086/661528>
- Meadow, H. L., Mentzer, J. T., Rahtz, D. R., & Sirgy, M. J. (1992). A life satisfaction measure based on judgment theory. *Social Indicators Research*, 26(1), 23–59.
<https://doi.org/10.1007/BF00303824>
- Mick, D. G., Pettigrew, S., Pechmann, C. C., & Ozanne, J. L. (2012). *Transformative consumer research for personal and collective well-being*. Routledge.
- Mulcahy, R. F., Zainuddin, N., & Russell-Bennett, R. (2021). Transformative value and the role of involvement in gamification and serious games for well-being. *Journal of Service Management*, 32(2), 218–245. <https://doi.org/10.1108/JOSM-05-2019-0137>
- Nussbaum, M., & Sen, A. (1993). *The quality of life*. Clarendon Press.
- Pereira, J., Barros, A., & Rezende, A. F. (2020). Rhetorical Typology in Organizational Disasters. *Academy of Management Proceedings*, 2020(1), 18039.
<https://doi.org/10.5465/AMBPP.2020.18039abstract>
- Quadra, G. R., Roland, F., Barros, N., Malm, O., Lino, A. S., Azevedo, G. M., Thomaz, J. R., Andrade-Vieira, L. F., Praça-Fontes, M. M., Almeida, R. M., Mendonça, R. F., Cardoso, S. J., Guida, Y. S., & Campos, J. Marcello. S. (2019). Far-reaching cytogenotoxic effects of mine waste from the Fundão dam disaster in Brazil. *Chemosphere*, 215, 753–757. <https://doi.org/10.1016/j.chemosphere.2018.10.104>
- Queiroz, H. M., Nóbrega, G. N., Ferreira, T. O., Almeida, L. S., Romero, T. B., Santaella, S. T., Bernardino, A. F., & Otero, X. L. (2018). The Samarco mine tailing disaster: A possible time-bomb for heavy metals contamination? *Science of The Total Environment*, 637–638, 498–506. <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2018.04.370>
- Robertson, P. K., Williams, D. J., & Wilson, G. W. (2019). *Report of the Expert Panel on the Technical Causes of the Failure of Feijão Dam I (2019)*.
- Rosenbaum, M. S., Seger-Guttman, T., & Giraldo, M. (2017). Commentary: Vulnerable consumers in service settings. *Journal of Services Marketing*.
- Roux, D., & Belk, R. (2019). The body as (another) place: Producing embodied heterotopias through tattooing. *Journal of Consumer Research*, 46(3), 483–507.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de la invetsigación*. . Mc Graw-Hill.

- Scott, R., Cayla, J., & Cova, B. (2017). Selling Pain to the Saturated Self. *Journal of Consumer Research*, 44(1), 22–43. <https://doi.org/10.1093/jcr/ucw071>
- Segura, F. R., Nunes, E. A., Paniz, F. P., Paulelli, A. C. C., Rodrigues, G. B., Braga, G. Ú. L., dos Reis Pedreira Filho, W., Barbosa, F., Cerchiaro, G., Silva, F. F., & Batista, B. L. (2016). Potential risks of the residue from Samarco's mine dam burst (Bento Rodrigues, Brazil). *Environmental Pollution*, 218, 813–825. <https://doi.org/10.1016/j.envpol.2016.08.005>
- Shultz, C. J., & Holbrook, M. B. (2009). The paradoxical relationships between marketing and vulnerability. *Journal of Public Policy & Marketing*, 28(1), 124–127.
- Sirgy, M. J. (2001). *Handbook of quality-of-life research: An ethical marketing perspective* (Vol. 8). Springer Science & Business Media.
- Sirgy, M. J. (2010). *The psychology of quality of life*. Dordrech.
- Sirgy, M. J., Cole, D., Kosenko, R., Meadow, H. L., Rahtz, D., Cicic, M., Jin, G. X., Yarsuvat, D., Blenkhorn, D. L., & Nagpal, N. (1995a). A life satisfaction measure: Additional validation data for the Congruity Life Satisfaction measure. *Social Indicators Research*, 34(2), 237–259. <https://doi.org/10.1007/BF01079198>
- Sirgy, M. J., Cole, D., Kosenko, R., Meadow, H., Rahtz, L., Cicic, D., Jin, M., Yarsuvat, X., Blenkhorn, D. L., & Nagpal, N. (1995b). Developing a life satisfaction measure based on need hierarchy theory. *New dimensions of marketing and quality of life*. Greenwood Press, Westport, CT, 3–26.
- Sirgy, M. J., Grzeskowiak, S., & Rahtz, D. (2007). Quality of College Life (QCL) of Students: Developing and Validating a Measure of Well-Being. *Social Indicators Research*, 80(2), 343–360. <https://doi.org/10.1007/s11205-005-5921-9>
- Sirgy, M. J., & Lee, D.-J. (2006). Macro Measures of Consumer Well-Being (CWB): A Critical Analysis and a Research Agenda. *Journal of Macromarketing*, 26(1), 27–44. <https://doi.org/10.1177/0276146705285669>
- Souza, T. D. S., da Silva Figueira Barone, L., Lacerda, D., dos Santos Vergilio, C., de Oliveira, B. C. V., de Almeida, M. G., Thompson, F., & de Rezende, C. E. (2021). Cytogenotoxicity of the water and sediment of the Paraopeba River immediately after the iron ore mining dam disaster (Brumadinho, Minas Gerais, Brazil). *Science of The Total Environment*, 775, 145193. <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2021.145193>
- Tanner, E. C., & Su, L. (2019). Reducing perceived vulnerability to increase utilization of nonprofit services. *Journal of Services Marketing*.
- Venugopal, S., Gau, R., Appau, S., Sample, K. L., & Pereira, R. C. (2019). Adapting traditional livelihood practices in the face of environmental disruptions in subsistence communities. *Journal of Business Research*, 100, 400–409.
- Vergilio, C. S., Lacerda, D., da Silva Souza, T., de Oliveira, B. C. V., Fioresi, V. S., de Souza, V. V., da Rocha Rodrigues, G., de Araujo Moreira Barbosa, M. K., Sartori, E., Rangel, T. P., de Almeida, D. Q. R., de Almeida, M. G., Thompson, F., & de Rezende, C. E. (2021). Immediate and long-term impacts of one of the worst mining tailing dam failure worldwide (Bento Rodrigues, Minas Gerais, Brazil). *Science of The Total Environment*, 756, 143697. <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2020.143697>
- Voola, A. P., Voola, R., Wyllie, J., Carlson, J., & Sridharan, S. (2018). Families and food: Exploring food well-being in poverty. *European Journal of Marketing*, 52(12), 2423–2448. <https://doi.org/10.1108/EJM-10-2017-0763>
- Zainuddin, N., Robinson, J., Algie, J., & Randle, M. (2021). Defining and explicating value re-creation to solve marketplace problems for consumers with vulnerabilities. *Journal of Services Marketing, ahead-of-print*(ahead-of-print). <https://doi.org/10.1108/JSM-07-2020-0316>